

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de

**Arte e imagem:
contextos,
migrações,
contaminações**

A revista *Madrugada* (1926) e a modernização da arte e da visualidade sul-rio-grandense

Paula Ramos
UFRGS

Resumo

Circulando entre setembro e dezembro de 1926, com apenas cinco edições e tendo à frente nomes como Theodemiro Tostes, Augusto Meyer e Raul Bopp, a revista *Madrugada* propunha-se ser o veículo da modernização da literatura e das artes visuais no Rio Grande do Sul. Embora de vida curta, firmou-se como o mais arrojado magazine do período no Estado, estabelecendo padrões por reiterados anos. O artigo discute sua importância no processo de modernização da arte e da visualidade sul-rio-grandense.

Palavras chave

revista *Madrugada*; revistas ilustradas; modernidade gráfica e visual

Abstract

Edited between September and December 1926 with only five editions and having Theodemiro Tostes, Augusto Meyer and Raul Boop ahead, the magazine *Madrugada* proposed to be the media for the modernization of literature and the visual arts in Rio Grande do Sul. Although short-lived, was established as the boldest magazine of the period in the State, setting standards for repeated years. This article discusses its relevance in the modernization process of art and visuality in Rio Grande do Sul.

Key-words

Madrugada magazine; illustrated magazines; visual and graphic modernity.

É notório o quanto o gênero *revista* foi importante na modernização das práticas culturais brasileiras, principalmente no início do século XX (BELLUZZO, 1992; MARTINS, 2001; CARDOSO, 2005; RAMOS, 2002). Títulos como *Fon-Fon!* (Rio de Janeiro, 1907-1958), *Careta* (Rio de Janeiro, 1908-1960), *Paratodos* (Rio de Janeiro, 1918-1932), *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro, 1928-1975) e a *Revista do Globo* (Porto Alegre, 1929-1967) marcaram gerações e documentaram um país que paulatinamente se transformava.

No seu formato de publicação condensada, ligeira e de fácil consumo, a *revista*, notadamente a *revista ilustrada*, foi a grande responsável pela conquista de um novo público leitor, o feminino, ao mesmo tempo em que abriu espaço para a divulgação do trabalho de artistas plásticos e de escritores. Lima Barreto, por exemplo, durante anos escreveu para a *Fon-Fon*, sendo pago por isso. Da mesma forma Olavo Bilac, que publicou artigos em *O Pirralho*, ou Oswald de Andrade, que o fez n'A *Cigarra*, e mesmo Di Cavalcanti, que imprimiu seu traço em diversos magazines do início do século passado. Tal segmento editorial beneficiou-se, portanto, do incipiente campo artístico brasileiro, tendo intelectuais e artistas dispostos a lhe fornecer material, quando esses não almejavam criar suas próprias publicações, como aconteceu com os jovens gaúchos que, em meados da década de 1920, lançaram em Porto Alegre a revista *Madrugada*.

O magazine teve somente cinco edições, circulando entre setembro e dezembro de 1926^{1F}. Referência obrigatória quando o assunto é modernidade no Rio Grande do Sul, *Madrugada* construiu sua notoriedade, histórica e paradoxalmente, pela ausência, uma vez que até pouco tempo inexistiam exemplares preservados, inclusive junto às mais importantes instituições museológicas do Estado. Em 2006, 80 anos após seu surgimento, a revista retornou ao convívio de pesquisadores e leitores, em edição fac-similar (RAMOS, 2006). Tal empreendimento tem permitido perceber, entre outros, a gênese de uma linguagem gráfica que não somente oxigenou a visualidade sulina, como encontraria eco na produção de diversos artistas locais, em especial daqueles ligados à Seção de Desenho da Livraria do Globo, que congregava nomes como João Fahrion (1898-1970), Edgar Koetz (1914-1969) e Nelson Boeira Faedrich (1912-1994).

A revista "do grupo"

*Moderna, elegantíssima, com um jeito de rapariga que nem está ligando a morte de Rudolph Valentino, apareceu em Porto Alegre uma revista. Chama-se "Madrugada". E vem lindamente acompanhada. Pertence à turma na qual sorriem, pensam, dizem e fazem coisas J. M. de Azevedo Cavalcanti, Theodemiro Tostes, Augusto Meyer, João Sant'Anna, Dr. Miranda Netto, Sotéro Cosme. "Madrugada" é tão bonita, tão inteligente, que excita o bairrismo dos seus patrícios afastados das cismas do Guaíba e dos crepúsculos daquele céu sem fim. Vendendo-a, mostrando-a aos outros, cada um diz, vaidoso: "É da minha terra... Ela nasceu lá onde eu nasci..."*¹

1 MADRUGADA. Porto Alegre, 4 dez. 1926. Ano 1, nº 5.

Publicada na edição nº 5, a declaração vinha com a assinatura do prestigiado magazine carioca *Para Todos*. De certa forma, a mensagem laudatória serviu como terno epitáfio a uma revista que nascera, sim, com algumas pretensões. A presença eloqüente de anúncios publicitários nos dois primeiros números e a efusiva programação de saraus e de encenações protagonizadas pelos próprios dirigentes do magazine parecem atestar que *Madrugada* não se imaginava pequena. Ainda no volume nº 5, o depoimento acerca do sucesso do segundo sarau, realizado em 6 de novembro no Theatro São Pedro e tendo como destaque a apresentação, pela primeira vez, do poema lírico *As Máscaras*, de Menotti Del Picchia, permite entrever alguns dos objetivos do “grupo”, bem como as “certezas” quanto ao futuro de *Madrugada*:

[...] Em Porto Alegre, todas as tentativas generosas que visem intercalar na cotidianidade prosaica da vida uma expressão superior de arte e de beleza, costumam perecer de início, estarecidas, sobre a estepe gelada da indiferença geral. Os aplausos quentes que saudaram a execução do programa da nossa festa autorizam-nos a esperar um destino melhor para a longa série de tentativas audaciosas que premeditamos. Não contávamos com eles, e só podem ter o efeito de firmar-nos em nosso propósito, como um incentivo exterior, valiosíssimo, à infinita confiança que temos no êxito final da nossa aventura atrevida.²

Provavelmente de autoria de Augusto Meyer, o texto sugere uma vida longa ao magazine, mas aquele seria seu último respiro. O precoce padecimento não fugiu ao que parecia ser uma regra daqueles idos: a vida curta das publicações. Isso se dava ora devido ao reduzido público, ora à falta de anunciantes, ora ao primitivo sistema de distribuição. No Rio Grande do Sul, em particular, apesar de todas essas dificuldades, desde o século XIX havia um histórico de investidas no setor. Athos Damasceno Ferreira, em seu *Imprensa Literária de Porto Alegre no Século XIX*, aponta que entre 1856 e 1899 circularam na capital gaúcha 90 títulos de jornais e revistas apenas de conteúdo literário (FERREIRA, 1975). Quase todos estavam ligados a agremiações que faziam dos impressos um espaço de afirmação coletiva, legitimidade social e construção de identidade. Não foi diferente com *Madrugada*.

Seu nascimento conceitual foi na mesa cativa que um grupo de velhos amigos e jovens literatos mantinha no Café Colombo. Atentos ao seu tempo e à construção de uma relação particular com a cidade, eles pareciam interessados em identificar-lhe os ritmos e mudanças. No exercício da *flânerie*, perambulavam pela urbe que se modernizava, pelos cafés, cinemas, livrarias e, é claro, pelas praças e ruas do centro, reestruturadas a partir das reformas empreendidas pelos governos de Otávio Rocha e Alberto Bins (MONTEIRO, 2006, in RAMOS, 2006). Ao assumirem o papel de cronistas da nova paisagem local, acabaram retratando a si mesmos como personagens privilegiados de uma cidade em mutação.

Faziam parte desse “grupo” os poetas Augusto Meyer e Theodemiro Tostes, os jornalistas João Santana e J.M. de Azevedo Cavalcanti, além do músi-

² Texto reproduzido sob o título Página de Arte. MADRUGADA. Porto Alegre, 4 dez. 1926. Ano 1, nº 5.

co e artista gráfico Sotéro Cosme, responsável pela edição de arte. Revezavam-se no expediente Miranda Netto, Vargas Neto e João Fahrion. Um outro integrante foi Paulo de Gouvêa, que publicou *O Poema da Raça* na edição nº 3. É ele quem narra como *Madrugada* teria surgido:

[...] A idéia foi recebida com toda a reserva de que era capaz a natural propensão de fugir a mais e maiores encargos intelectuais, pois que dos materiais J.M. se encarregaria. [...] Era impressa nas oficinas da Escola de Engenharia. Um primor gráfico. [...] Seu pecado foi inserir em seu conteúdo perfeito algumas crônicas sociais e tantas outras esportivas. Mas era uma concessão obrigatória, o sine qua non dramático das suas possibilidades de sobrevivência: uma publicação puramente literária não tinha chance. (GOUVÊA, 1976, p. 51)

Se o perfil editorial assumido, inclusive expresso no slogan *Revista semanal de literatura, artes e mundanismo*, reduziu o impacto literário de *Madrugada*, a revista descortinou, por outro lado, novos interlocutores, bem como o imaginário de uma cidade que, mesmo de longe, ensaiava o ritmo das grandes capitais da época e dos valores e desejos de uma burguesia em ascensão.

Entre a tradição e a vanguarda

Nos três primeiros números, *Madrugada* foi semanal; nos outros dois, quinzenal. Sua proposta editorial pouco destoava dos magazines ilustrados e de forte apelo mundano que circulavam na cidade, como *Mascara* (1918-1928) e *Kosmos* (1926-?). Folheando-a, o leitor encontraria desde poemas e crônicas, passando por participações sociais, anúncios de chegada ou partida de pessoas *chic* para o Rio de Janeiro, Europa ou até mesmo para Dom Pedrito, culminando com a programação dos clubes. A revista também poderia priorizar, numa página, o desenho requintado de Sotéro Cosme, como poderia, na seguinte, apresentar um mosaico de fotografias das jovens moçoilas, as *lindas criaturas*, que certamente eram motivo de alguma disputa entre os rapazes da redação. E o que dizer das publicidades estampadas em *Madrugada*, um misto de reclames de profissionais liberais e do comércio local, com propagandas de joalherias, automóveis e confeitarias, chegando até mesmo ao Centro dos Caçadores, a principal casa noturna masculina da região?

A revista era, de fato, um produto híbrido e, ao que parece, seus diretores não alimentavam a menor inquietação quanto a isso. Pelo contrário. Tudo leva a crer que eles percebiam no convívio franco e estreito entre a cultura erudita e o mundanismo uma possibilidade de mudança de mentalidade. A irreverência transparece já na primeira edição, com a nota explicativa quanto ao atraso do lançamento:

[...] Pontualidade é defeito de burgueses. Marcar uma entrevista para as 8 e chegar às 8 é uma coisa absurda e condenável. Ninguém, absolutamente ninguém, que se preze de ter bom-gosto, entrará antes das 11 num baile que principie às 9 horas. "Madrugada" é assim. Perfeitamente civilizada e revista de linha, não quis sair no dia fixado. Fez-se mais desejada,

*mais preciosa... Sai hoje, catorze dias depois do que marcara.*³

O tom debochado do texto se firmou como característica de *Madrugada*. Mas não era o único. Como aponta Cida Golin, ao longo de suas cinco edições, é possível perceber, inclusive, as linhas mestras do modernismo literário no Rio Grande do Sul: o interesse pelo regionalismo, a influência da escola simbolista, a divulgação dos novos autores e o intercâmbio com estados vizinhos, sobretudo com os modernistas do centro do país. Augusto Meyer, por exemplo, já em 1926 trocava correspondências com Mario de Andrade, Tristão de Athayde, Guilherme de Almeida e o santa-mariense Raul Bopp (GOLIN, 2006, in RAMOS, 2006).

Um projeto gráfico inovador

Se a leitura se encontra num segundo momento de apreciação de qualquer impresso, sendo o tratamento visual o elemento de maior impacto, este foi bem explorado por Sotéro Cosme (1901-1978), o diretor artístico. A inconfundível linguagem visual do magazine foi tanto influenciada pelas publicações cariocas em voga, como, sobretudo, pelos padrões de revistas estrangeiras a que Cosme tinha acesso, como a francesa *L'illustration*, na qual, inclusive, viria a publicar mais tarde vários de seus desenhos.

Com capa colorida, impressa em papel couché e medindo 31 x 22,5 cm, *Madrugada* variava entre 28 e 36 páginas. A capa da primeira edição, de Cosme, já mostrava uma audaciosa composição: centralizada, no espaço branco da página, apenas a estilização geométrica e alongada de uma figura humana, bem ao gosto *art deco*, em cores chapadas; no alto, o logotipo da revista que, em sua essência, nunca mudou. Nos números seguintes, sempre o fundo alvo, com uma imagem essencialmente gráfica – exceção para as capas desenhadas por João Fahrion, de viés pictórico – e o anguloso logotipo.

Como aponta Norberto Bozzetti, na busca por um estilo particular, Sotéro Cosme apoiou seu projeto gráfico em quatro propostas bastante ousadas para o período: (1) as capas seguiam uma estrutura pré-estabelecida de distribuição dos componentes visuais, sendo que as únicas palavras escritas eram o nome da revista, o ano e o número da edição; com esse *layout* limpo e simétrico, ela passava uma conotação de ordem e rigor, incomuns na quase totalidade das capas de magazine da época; (2) o nome da revista era sempre grafado na parte superior da capa, de forma marcante e padronizada; (3) o logotipo comparecia também nas páginas do miolo, ao lado do número de página; (4) o mesmo estilo de traçado do logotipo da revista se estenderia ao logotipo das principais seções (BOZZETTI, 2006, in RAMOS, 2006). Ao criar essa identidade, Cosme assumiu, portanto, o precoce papel do designer gráfico, numa época *antes do design*, para usar a expressão de Rafael Cardoso (CARDOSO, 2005).

Também a escolha das fontes tipográficas foi coerente, privilegiando os tipos sem serifa. Mesmo assim, é de se deduzir que havia limitações técnicas, uma vez que as fontes *art deco* estavam sendo recém criadas e produzidas. Para

³ MADRUGADA. Porto Alegre, 25 set. 1926. Ano 1, nº 1, p. 9.

compensar tais limitações, Cosme desenhou muitos títulos à mão, enfatizando as linhas retas e os ângulos agudos nas junções dos traços.

Além do projeto gráfico, Sotéro Cosme ficou particularmente conhecido por suas caricaturas de qualidade singular e que apareceram em todos os números da revista. Não se trata, porém, de caricaturas que ridicularizam o retratado, mas que idealizam o modelo, com graça e um fino senso de humor. Curiosamente, ele não indicava o nome das pessoas representadas, mas dava pistas, nas legendas, acerca da identidade das mesmas, deixando para o leitor o “desvendamento do enigma”.

Tanto as caricaturas, como as ilustrações de capa, eram feitas em nanquim e guache e, em muitas delas, encontramos o *scratchboard*. Hoje praticamente abandonada, esta técnica parte de um cartão gessado e coberto com nanquim que, tal como na xilogravura, é raspado em busca da imagem. Vale apontar que as proximidades formais do *scratchboard* com a gravura e a sua ampla adoção nos ambientes artístico e jornalístico sulinos ao longo das décadas de 1920 e 1930 podem colaborar nos estudos acerca do desenvolvimento da tradição da gravura no Rio Grande do Sul (SCARINCI, 1982).

Nas duas últimas edições de *Madrugada*, Cosme dividiu o ofício com outro jovem e talentoso artista, João Fahrion⁴, que havia retornado há poucos anos da Alemanha, onde fizera formação complementar em litografia. Fahrion era artista premiado no Salão Nacional de Belas Artes (Medalha de Prata, 1924) e trazia como principal característica de sua poética uma fatura essencialmente pictórica. As duas capas que assinou, inclusive, rompem totalmente com o grafismo de Cosme. São capas de um pintor que ilustrava. Como lembra Paulo Gomes, ao publicá-las, o magazine guarda o mérito de ter projetado João Fahrion (GOMES, 2006 in RAMOS, 2006), figura paradigmática das artes sul-rio-grandenses ao longo do século XX e que se notabilizou como o principal ilustrador da antiga Livraria e Editora Globo, além de ter sido professor, durante décadas, do IBA, o Instituto de Belas Artes, atual Instituto de Artes da UFRGS.

Madrugada: repercussões e permanência

Madrugada termina no mesmo ano em que nascera: 1926. Os motivos do fechamento nunca foram externados, mas imagina-se que passem pelas dificuldades de comercialização, haja vista a diminuição gradativa dos anúncios ao longo das três últimas edições. Com o encerramento das atividades, seus idealizadores encontraram um novo porto na *Página Literária* do jornal *Diário de Notícias*, publicada a partir de 1927 e que igualmente emanava um frescor *art deco*.

Ao mesmo tempo, eles passariam a publicar suas criações nos impressos da Livraria e Editora Globo. E se coube a Sotéro Cosme a primeira capa da *Revista do Globo* (1929-1967), foi Fahrion⁵ quem ganhou notoriedade por meio

4 Fahrion aparece já na edição de nº 4 da revista, tendo produzido as capas para as edições nº 4 e nº 5. Porém, seu nome somente é indicado como diretor de arte, dividindo essa função com Sotéro Cosme, na edição nº 5.

5 Fahrion permanece na Globo, como funcionário, de 1925 até 1937. Neste ano, é contratado como professor de Desenho da Figura Humana junto ao Instituto Livre de Belas Artes (atual Instituto de Artes da UFRGS), onde permanece até 1970, ano de seu falecimento. E embora tenha se desligado formalmente da Globo, ele continuou produzindo uma série de trabalhos em regime *free-lancer*.

da editora. Observando, em especial, as capas que produziu para o quinzenário, notadamente em seus dez primeiros anos (1929-1939), é possível perceber o quão distante elas estavam de suas pinturas do mesmo período. Talvez tal característica tenha se dado pela necessidade de diferenciar o “Fahrion artista” do “Fahrion ilustrador”. Com o tempo, no entanto, encontraremos elementos gráficos em suas pinturas; são eles que transformarão sua obra, numa tendência que se acentua a partir de meados da década de 1930 e que atesta a característica profícua de tal tessitura (RAMOS, 2007).

Considerações finais

Fonte para pesquisadores com distintos interesses, *Madrugada* fornece, a cada página, um plural e curioso panorama acerca dos hábitos culturais, das novas sociabilidades, dos choques entre tradição e modernidade, num momento nevrálgico para a sociedade sul-rio-grandense, os anos 1920. Em seu amálgama editorial, é possível detectar as características refratárias e pouco radicais do modernismo no Rio Grande do Sul, assim como a articulação do incipiente sistema de cultura local e o quanto o exercício diletante do jornalismo foi uma estratégia segura para a visibilidade dos novos grupos de escritores e artistas (GOLIN & RAMOS, 2007).

Ao dar-lhe corpo, ansiosos pela modernidade social e artística, pela possibilidade de experimentar formatos originais para velhos temas, seus idealizadores introduziram novos padrões de texto e de imagem no cenário local. O resultado é que, em sua efemeridade, a revista foi um “laboratório do moderno”. Suas linhas angulosas e rápidas, suas caricaturas leves, conclamando a participação do espectador, suas fontes tipográficas ágeis e suas audaciosas capas certamente estão entre o que de mais arrojado se produziu em termos visuais no Rio Grande do Sul durante o período assinalado. E, não apenas isso: influenciaram toda uma produção posterior, que ganhou o Brasil com o selo da referencial Editora Globo.

Referências Bibliográficas

- BELLUZZO, Ana Maria. *Voltolino e as Raízes do Modernismo*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1992.
- CARDOSO, Rafael (org.). *O Design Brasileiro antes do Design – Aspectos da História Gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa Literária de Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1975.
- GOLIN, Cida; RAMOS, Paula. *Jornalismo Cultural no Rio Grande do Sul: a Modernidade nas Páginas da Revista Madrugada*. Revista FAMECOS, v. 33, p. 106-114, 2007.
- GOUVÊA, Paulo de. *O Grupo – Outras Figuras – Outras Paisagens*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Editora Movimento, 1976.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista – Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República Velha (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.
- RAMOS, Paula (Org.). *A Madrugada da Modernidade*. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2006.
- RAMOS, Paula. *A Experiência da Modernidade na Secção de Desenho da Editora Globo – Revista do Globo (1929-1939)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS, 2002.
- RAMOS, Paula. *Artistas Ilustradores – A Editora Globo e a Constituição de uma Visualidade Moderna pela Ilustração*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS, 2007.
- SCARINCI, Carlos. *A Gravura no Rio Grande do Sul (1900-1980)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.



Capa para edição nº 1 de Madrugada
Porto Alegre, 25 de setembro de 1926
Sotéro Cosme, (1901 – 1978)



Capa para edição nº 5 de Madrugada
João Fahrion , (1898 – 1970)
Porto Alegre, 4 de dezembro de 1926

ENTRE os generos artisticos que constituem habitualmente objecto de mostras pessoas, não é ainda dos nossos habitos compreender projectos para construção e seria difficil prever interesse do publico para uma exposição puramente de architectura. Por isto surpreendeu agradavelmente o magnifico exito logrado pela que realiza, no salão da Casa Jamarão, o talentoso architecto dr. Ernani Corrêa.

E que os seus trabalhos reflectem antes de tudo a preocupação verdadeiramente artistica de belleza, de elegancia e de graça que os marca de um traço vigoroso de gosto pessoalissimo. Atrai e encanta. Experimenta-se diante delles o irresistivel desejo de habitar ao mesmo tempo todos os ninhos graciosos de amor e felicidade que o artista concebeu.

Seu gosto volta-se de preferencia para o colonial, estylo tradicional da construção brasileira, cujas linhas severas se amoldam, no seu pensamento creador, ás multiplas exigencias da elegancia e conforto que reclamam o refinado gosto moderno. E é talvez o profundo senso artistico e pratico revelado nessa adaptação feliz dos varios estylos ás necessidades da construção actual que constitue o grande segredo da sua arte, o seu irresistivel prestigio e capacidade de agrado.

Iniciando entre nós esse genero de exposições, o dr. Ernani Corrêa venceu o preconceito que condemna ao insuccesso todos os iniciadores. Porque, antes, soube merecer o exito.

A critica philologica do século passado engenhou-se, em todas as universidades do mundo culto, no estudo consciencioso e aprofundado das contradições evidentes e manifestas incoerencias de que abundam os poemas homericos. E tão grandes e em tal numero appareceram, que os graves sabios, sacrificando abnegadamente á verdade do encanto millenario de uma tradição respeitabilissima, sentiram-se no dever de concluir a contragosto pela inexistencia do poeta. A rigorosa coerencia dos seus proprios habitos magistrais, de expor durante cincoenta annos, da mesma cathedra, uma mesma doutrina immutavel não era licito admitir que o mesmo poeta se mostre alternativamente claro e obscuro, rude e delicado, narre os mesmos factos ora de uma maneira, ora de outra diversa ou attribua alguma vez aos seus heróes sentimentos e virtudes que lhes contesta no canto seguinte. Não podia, e só merito é aos graves philologos a coragem de não terem recuado ante a desoladora conclusão abraçada . . .

Perigoso seria, entretanto, que essa forma de critica se generalizasse e que os historiadores procurassem submeter a exame, com o mesmo rigoroso criterio, as palavras e actos dos nossos politicos. Senemum existiu nunca, e que o Brasil e toda sua historia não passam de um mito, parodia de legendas esquecidas, forjado por anonymos humoristas de máo gosto . . .



PASSEANDO...

Ver é o supremo bem, disse o cantor suave de "Rosa, rosa de amor" . . .

No scenario oiro-azul dessas tardes de renovação ha um prazer esquisito em ficar-se parado, a olhar as figurinhas que se movem, para cá, para lá, como um poema musical de Debussy.

É um consolo milagroso para os olhos, condemnados a verem tanta coisa feia nesta vida. E a gente, sentindo tanta luz interiormente, fica a pensar como o poeta "si a alma será talvez uma função do olhar" . . .

Adahyl Pereira, leve, leve, tem a esbelleza aristocratica de uma princeza russa; os profundos olhos de Aracy Coelho Netto falam de Espanha, de paixões violentas e ha uma delicadeza de Tanagra no suave perfil de Branquinha Bagorro.

Que deliciosa flor, bem brasileira é Euly Mabilde! Perturbadora como aquella rosa, cujo perfume envenenava . . .

NA ROSICLER, em torno das mesinhas ha uma preciosa collecção tentando o olhar. Lygia Silveira, a dos olhos claros parece a figura divina de Palas Athenas evocada num scenario modernissimo, pela imaginação de um Bernard Shaw.

COLOMBO. Alegria ruidosa, militar do jazz. Toca Valencia.

Auto Guimarães, Gilda Marinho e tantas outras, na galeria chic, transformam num jazz-band o coração da gente. Um jazz-band bem maluco . . .

A PRAÇA, bem lavada de sol, é uma alegre feira de catinhas bonitas. As arvores „à la garçonnet", têm a tristeza das mulheres depois de consummada a obra do cabellereiro. E falta de costume. A primavera, como a moda, ordena o sacrificio. E dá compensações: a alegria verde da fronde renovada.

Dois elegantes, oxfordizados e empunhando bengala, commentam, emquanto a banda municipal "troveggia".

Você já tem notado como é variado o repertorio da banda? Como o "menu" de uma pensão barata. Hoje "Adriana Lecouvreur", "Carmen", "Gioconda" . . .

— E amanhã?
— Different. "Gioconda", "Carmen", "Adriana Lecouvreur" . . .

Varelinha lyrica e franciscana.

Abandonou o burel, sacudiu o pó das sandalias e foi organizar na Livraria do Globo um convento litterario.

A face emaciada. Proeminencia altiva da maçã de Adão. O mysticismo do peçoço vae subindo, subindo, subindo - até chegar ao céu e á harmonia seraphica dos anjos . . .

Ha uma revolta tão brusca neste homem, que os olhos ficam olhando ao mesmo tempo para dois pontos . . .

Veio puro. Agua moral.

Frate Mansuetó . . .